

Antigos combatentes das FPLM

"OS MEUS BRAÇOS E A MINHA VIDA PERTENCEM AO POVO"



Um grupo de antigos combatentes das F.P.L.M. falando à informação, no Centro de Produção «25 de Setembro» do Umbelúzi

Nos arredores da cidade de Maputo, um grupo de antigos combatentes das FPLM participa na construção do Socialismo, integrando-se na tarefa principal da presente etapa da revolução moçambicana.

A poucos quilómetros de Maputo, estende-se uma larga região agrícola. Ao longo das margens do Rio Umbelúzi encontram-se, aqui e além, antigos latifúndios onde empresários coloniais se dedicavam a actividades agropecuárias.

Tomando a estrada em direcção a Boane, em época de fruta,

o viajante poderá ver inúmeras bancas provisórias onde se vendem por exemplo, laranjas, a um preço mais baixo que na cidade. Na verdade a maior parte dos citrinos que a gente da capital consume, nessa altura, provém dos pomares do Umbelúzi. Hoje a maior parte dos antigos latifúndios foi intervencionada.

A cinco minutos de um desvio da estrada internacional, começa a aparecer no horizonte uma extensa plantação de citrinos, que pertence já ao Centro de Produção dos Antigos Combatentes «25 de Setembro». Ao alto, um conjunto de construções em alvenaria, um moinho de vento, alguns tractores há muito paralisados completam este panorama.

— «O lugar onde estamos era uma antiga empresa privada. Uma vez intervencionada pelo Estado, em 1976, o Ministério da Agricultura entregou-a ao antigo Comando Provincial das FPLM



Gaspar Achonali: «Se fosse minha vontade, pegava de novo na PM para ir combater o inimigo»

que para aqui destacou alguns camaradas» — explica-nos o responsável do centro, Issa Mfaúme, quando para ali nos deslocámos, recentemente.

Sessenta hectares de citrinos, trinta de cereais e batata comum tal é a área actual do centro «25 de Setembro». O responsável pela assistência aos pomares, José Abdel Paulino informa-nos que desde 1975 não se produzia convenientemente, quer devido à falta de tratamento dos citrinos (adubação e pulverização) quer devido às dificuldades em operar com as máquinas agrícolas e de empacotamento. «A partir de 1978 e com o apoio da machamba estatal «3 de Fevereiro», há tendência de ultrapassar essas limitações.»

Além dos citrinos, que são produzidos principalmente para exportação, o centro de produção dos antigos combatentes desenvolve a horticultura e a criação de animais de pequena espécie, para consumo das FPLM.

Actualmente as infra-estruturas deste centro incluem uma coope-

rativa de consumo, um posto sanitário, uma unidade fabril para tratamento e empacotamento de fruta, entre outras secções.

CADA QUAL CONSTRÓI A SUA CASA

Para conhecermos as transformações em curso, iniciámos a visita por um dos bairros da aldeia comunal em construção. Uma meia dúzia de casas em madeira e zinco, bem visíveis, contrasta com a maioria das casas de pau-a-pique que ali encontramos.

— «Esta foi uma experiência que tivemos de abandonar, porque não correspondia aos nossos meios. No início, o Estado construía essas casas para os habitantes do centro, o que para além das dificuldades resultantes da falta de diversos materiais, era muito caro. Agora cada família constrói a sua própria casa com o material disponível e nós apoiamos no que for possível, diz Issa Mfaúme.»

Construções de diversos estilos, conforme as regiões de origem dos seus ocupantes podem-se ver na aldeia. Foi à sombra da sua casa que encontramos Cosme Máquina, veterano da luta de libertação nacional na província de Cabo Delgado.



A sombra da sua casa, encontramos Cosme Máquina, com a sua família

— «Cheguei a Maputo durante o Governo de Transição. Na altura em que vim para o Umbelúzi este local era mato. Fomos nós que começámos a desbravá-lo, abrimos ruas e construímos estas casas.»

— Qual foi a sua reacção ao ser enviado para este centro? — perguntámos.

— «Sou combatente das FPLM e cumprio ordens do meu Comandante. Eu vou para onde me mandarem. Não posso pensar de outra maneira. Desde que decidi lutar pela libertação do meu país, os meus braços e a minha vida pertencem ao Povo.»

ESTOU PRONTO PARA QUALQUER SITUAÇÃO

A mesma clareza política e determinação revolucionária encontramos em outros antigos combatentes do centro. Gaspar Achonali, combatente desde a primeira hora da Frente de Libertação de Moçambique (ver a revista «TEMPO» n.º 467) disse-nos, por exemplo sobre as agressões raciais ao nosso país:



Com as suas famílias os antigos combatentes constroem a sua vida no Centro de Produção



Cosme Máquina: «Os meus braços e a minha vida pertencem ao povo»

— «Se fosse minha vontade, pegava de novo na «PM» para ir combater o inimigo. Enquanto o Zimbabue não for independente não poderemos trabalhar em paz. Não podemos deixar de apoiar os nossos irmãos em luta. Se os tanzanianos não tivessem tido coragem, nós ainda não estaríamos independentes».

Antes de visitarmos o centro dos antigos combatentes «25 de Setembro» pensávamos ali encontrar apenas velhos ou mutilados de guerra.



Santos Saide: «Estou pronto para qualquer situação a qualquer hora da noite ou do dia»

«Produzir é uma tradição das FPLM» — lembrava-nos o responsável do centro, por isso ali encontramos gente de todas as idades.

É o caso de Santos Saide, de 23 anos de idade. Membro das Forças Populares desde 1972 combatente pela libertação do país na Província de Tete:

— «O inimigo mais perigoso eram os «boers» (rodesianos) que nos agrediam sobretudo na região de Mucumbura, Andavam muitos quilómetros a pé como

nós depois de serem largados dos helicópteros. Mas nós eliminamos muitos rodesianos porque eles realmente não sabiam opor-se à tática de guerrilha.»

Apesar de ter aprendido mecânica, num quartel das FPLM, após a independência, Santos Saide foi destacado para o centro «25 de Setembro», onde participa em tarefas produtivas.

— «Pessoalmente estou pronto a qualquer hora do dia e da noite para qualquer situação» — diz-nos em resposta a uma pergunta sobre as tarefas de defesa da nossa soberania a que são actualmente chamados muitos jovens moçambicanos.

O centro de produção dos antigos combatentes, do Umbelúzi, não é uma experiência única. Existem em todo o país, treze centros do género, sendo os mais antigos os de Mocimboa da Praia («Magaia»), em Cabo Delgado, e o de Estangano, na província de Tete. Os centros de produção dos antigos combatentes são um exemplo do engajamento das FPLM na construção do Socialismo, na presente etapa.